

O ESPAÇO DE DOMINAÇÃO E CLAUSURA EM *INOCÊNCIA*, DE VISCONDE DE TAUNAY

Edinília Nascimento Cruz¹
Anelito Pereira de Oliveira²

Resumo: A representação da mulher na literatura é uma constante no fazer literário e, de acordo com seus movimentos de produção, circulação e convenções, sofreu alterações expressivas que comungaram visivelmente com as transformações históricas e sociais. Atualmente, a produção literária abriu o leque dessas discussões, descentralizando os valores masculinos e redirecionando o olhar sobre esse cenário que se pinta no contexto da figuração da mulher. Este artigo propõe apresentar uma leitura da representação de *Inocência*, de Visconde de Taunay, do ponto de vista da construção do feminino, considerando o contexto de produção, as pressões históricas e sociais que abarcam o processo de criação literária.

Palavras-chave: Literatura; Feminino; Dominação masculina; Representação.

Abstract: *The representation of woman in literature is a constant in literary creation and, according to its movements of the production, circulation and conventions, underwent expressive transformations, that communed with the historical and social transformations. Currently, the literature has opened the range of discussions, decentralizing the male values, and redirecting the gaze on the scene that is painted in the context of the figuration of women. This article aims to present a reading of the representation of *Inocência*, by Visconde de Taunay, point of view of construction of the female, considering the context of production, the historical and social pressures that embrace the process of literary creation.*

Key words: *Literature; Feminine; Male domination; Representation.*

1. Introdução

A temática da mulher na literatura e no discurso social nos remete ao espaço que a mulher ocupou e ocupa e aos papéis que representa e representou ao longo da história. São várias as nuances em que o feminino e o feminismo se configuraram, porém, a literatura, na sua força de criação, bebeu nas várias fontes de sua concepção simbólica, intelectual e filosófica que resultaram numa extensa produção de autoria feminina e num rico referencial teórico no cenário intelectual brasileiro.

¹ Mestranda em Letras/Estudos Literários na UNIMONTES. E-mail: ediniliabr@yahoo.com.br.

² Doutor em Literatura Brasileira pela USP. Professor do PPGL – UNIMONTES. E-mail: anelitodeoliveira@gmail.com.

A trajetória histórica, social, política e ideológica da mulher na sociedade influenciou na produção literária sobre o gênero, quebrando velhos paradigmas, desestabilizando velhas estruturas. As discussões passaram a ser pautadas na concepção de que a simples categorização do conceito de mulher já não se aplicava mais. Era necessário ser repensado esse conceito, indo para além da categoria empírica para a análise das relações de gênero.

Evidentemente, a representação do feminino na sociedade passou por convenções que conseqüentemente refletiram na produção literária. A transição de uma produção efetivamente sob o domínio do masculino para a abertura da escrita de autoria feminina ocorreu de forma velada e gradual, pois a quebra do silêncio implicou tomar a palavra, dar voz ao próprio silêncio que o oprime. Ao ter a palavra, a mulher quebra esse silêncio, ganha força, poder, e encontra o caminho para a libertação.

No entanto, em todo processo de transformação, é importante refazer os caminhos. Compreender a representação da mulher pela ótica masculina num dado momento histórico é fundamental para dar sustentabilidade aos discursos que elucidaram os avanços atuais. Este artigo propõe transitar por meio das fendas deste imenso universo, que é a literatura, revisitar a obra *Inocência* (1872) por meio da representação do feminino e contribuir para a ampliação da pesquisa em curso no PPGL/Unimontes, que se propõe analisar o tema à luz da teoria e da crítica literária.

2. A representação da mulher no espaço de dominação masculina

Visconde de Taunay, ao retratar a mulher, deixou traços marcantes do patriarcalismo dominante. No entanto, os homens são colocados às vezes como vítimas da própria condição social em que estão inseridos. Pode-se observar na relação de *Inocência* com seu pai, Pereira, que, embora extremamente machista e autoritário, não se dá conta dessa condição de opressor por acreditar estar resguardando sua filha. No decorrer da narrativa, torna-se evidente o violento tratamento dado à mulher no século XIX, como podemos observar nesta passagem:

Esta obrigação de casar as mulheres é o diabo!... Se não tomam estado, ficam jururus e fanadinhas...; se casam podem cair nas mãos de algum marido malvado... E depois, as histórias!...lh, meu Deus, mulheres numa casa, é coisa de meter medo... São redomas de vidro que tudo pode quebrar... Enfim, minha filha, enquanto solteira, honrou o nome de meus pais... O Manecão que se agüente, quando a tiver por sua ... Com gente de saia não há que fiar... Cruz! botam famílias inteiras a perder, enquanto o demo esfrega um olho (TAUNAY, 1998, p. 44).

Aqui a mulher é retratada como uma figura que é frágil e ao mesmo tempo capaz de prenunciar perigo. Essa proteção exacerbada é típica da visão de uma sociedade machista. Pereira tem consciência dessa condição de opressor, mas vai levá-la até as últimas consequências em nome da moral:

Esta opinião injuriosa sobre as mulheres é, em geral, corrente nos nossos sertões e traz como consequência imediata e prática, além da rigorosa clausura em que são mantidas, não só o casamento convencionado entre parentes muito chegados para filhos de menor idade, mas sobretudo os numerosos crimes cometidos, mal se suspeita possibilidade de qualquer intriga amorosa entre pessoa da família e algum estranho (TAUNAY, 1998, p. 44).

É notável que tais valores transponham a voz das personagens para penetrar na voz do narrador, elucidando e reafirmando esse posicionamento preconceituoso no gênero masculino, que se sobrepõe ao feminino de forma enfática e contundente. Para Pierre Bourdieu, “Os princípios antagônicos da identidade masculina e da identidade feminina se inscrevem, assim, sob forma de maneiras permanentes de se servir do corpo, ou de manter a postura, que são como que a realização, ou melhor, a naturalização de uma ética” (2002, p. 19).

As mudanças recorrentes no papel social da mulher são colhidas no frescor do discurso de Pereira que, apesar de ser um homem do sertão, traz em suas reflexões a plena consciência de que os valores mudaram, embora ainda de forma pouco expressiva. E essas mudanças que se efetivaram nas cidades rondam o pensamento dele, mas ainda não haviam penetrado no

longínquo sertão onde se encontra resguardada de todos esses perigos a sua inocente filha:

— Eu repito, disse ele com calor, isto de mulheres, não há que fiar. Bem faziam os nossos do tempo antigo. As raparigas andavam direitinhas que nem um fuso... Uma piscadela de olho mais duvidosa, era logo pau... Contaram-me que hoje lá nas cidades... arrenego!... não há menina, por pobrezinha que seja, que não saiba ler livros de letra de forma e garatujar no papel... que deixe de ir a fonçonatas com vestidos abertos na frente como raparigas fadistas e que saracoteiam em danças e falam alto e mostram os dentes por dá cá aquela palha com qualquer tafulão malcriado... pois pelintras e beldroegas não faltam.. Cruz!... Assim, também é demais; não acha? Cá no meu modo do pensar, entendo que não se maltratem as coitadinhas, mas também é preciso não dar asas às formigas... Quando elas ficam taludas, atamanca-se uma festança para casá-las com um rapaz decente ou algum primo, e acabou-se a história... (TAUNAY, 1998, p. 44).

O preconceito aqui penetra vários campos da visão masculina socialmente instituída de que a mulher deve se resguardar para que os valores morais não desmoronem. É preciso mantê-la reprimida, impor limites para que não venha transgredir os bons costumes. Enuncia-se a necessidade de mediar essa liberdade, de dosar para que os homens mantenham-se no controle da situação, ditando os limites dessa libertação e emancipação feminina:

Quanto às mulheres, não tenho as suas opiniões, nem as acho razoáveis nem de justiça. Entretanto, é inútil discutirmos, porque sei que isso são prevenções vindas de longe, e quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita... O Sr. falou-me com toda a franqueza, e também com franqueza lhe quero responder. No meu parecer, as mulheres são tão boas como nós, senão melhores: não há, pois, motivo para tanto desconfiar delas e ter os homens em tão boa conta. Enfim, essas suas idéias podem quadrar-lhe à vontade, e é costume meu antigo a ninguém contrariar, para viver bem com todos e deles merecer o tratamento que julgo ter direito a receber. Cuide cada qual de si, olhe Deus para todos nós, e ninguém queira arvorar-se em palmatória do mundo (TAUNAY, 1998, p. 45).

Essa fala de Cirino mostra uma concepção totalmente além da mentalidade do mundo em que se insere Pereira, pois há uma manifestação clara de que nem tudo era visto por um mesmo ângulo e não pode haver

generalização. Há uma voz que se pronuncia em defesa das mulheres e essa voz traz rumores que ultrapassam barreiras profundas como aquelas infiltradas no pensamento de Pereira. “Tal profissão de fé, expendida em tom dogmático e superior, pareceu impressionar agradavelmente a Pereira, que fora aplaudindo com expressivo movimento de cabeça a sensatez dos conceitos e a fluência da frase” (TAUNAY, 1998, p. 45). A presença da voz do Pereira, mesmo que elucidada pela voz do narrador é fortemente marcada por valores sociológicos que circundavam sua consciência.

Qualquer indício na inversão dos papéis sociais, demarcados pela questão do gênero masculino/feminino, era uma ameaça que embrenhava os pensamentos de Pereira. “... Pois não é que um belo dia ela me pediu que lhe ensinasse a ler?... Que idéia!...” (TAUNAY, 1998, p. 46). Como ocorreu no contexto histórico social da trajetória da mulher, a escrita era uma ameaça constante ao poder do masculino. Durante longos anos, o homem dominou fortemente e se manteve no poder a partir da e pela escrita. Quando as mulheres conquistaram o seu lugar na escrita, especialmente no campo literário, houve uma revolução do pensamento, pois a mulher rompeu o silêncio e assumiu o seu papel na escrita, que só teve o devido reconhecimento da historiografia brasileira a partir do século XX.

A personagem Inocência tornou-se vítima de um velho e duro preconceito, fruto dos valores sociais de que estava impregnado o mundo de sua época. Para Maria Inácia d’Ávila Neto, “A escolaridade das mulheres obedeceu a sérios preconceitos que envolvem um problema mais amplo: a valorização do papel de dona-de-casa. A orientação familiar é ainda eminentemente voltada para a preparação da mulher para o casamento” (1980. p. 38).

Pereira habitava um mundo em que a mulher necessariamente não deveria contrariar o que já havia sido determinado como fator da condição de ser mulher em um mundo de domínio absoluto dos homens.

Quando a escrita feminina surgiu no Brasil no século XIX, amparada pelas revistas para mulheres, entre elas *O Jornal das Senhoras*, *Sexo Feminino*, *Jornal das Damas*, *A Mensageira*, essa escrita implicou um ato de desobediência e rompimento dos valores sociais vigentes.

A literatura feminina do XIX também refletia essa mulher obediente e amável, mas que indubitavelmente lutava pela libertação. Eram comuns temas e imagens que traduziam a ansiedade das mulheres para se livrar de um modelo imposto que as levava a contestar os padrões sociais como se pode confirmar em *Úrsula* (1859), o primeiro romance brasileiro de Maria Firmina dos Reis. O século XIX foi marcado por transformações que mudaram profundamente o rumo das relações sociais. A cultura impulsionava o imperialismo que conseqüentemente provocou uma reação. Esse século foi marcado pelo surgimento dos movimentos femininos.

No século XX, período em que essa força de manifestação das mulheres assume destaque e reconhecimento, a literatura feminina se consolida. Rachel de Queiroz, Lya Luft, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Nélida Piñon, entre outras, desafiaram a “dominação masculina” e ultrapassaram a margem do cânone literário para ecoar uma voz em defesa das causas femininas. Elas tornaram o campo literário um espaço de constante batalha, dando uma dimensão da independência conquistada no universo da “dominação masculina”. Bourdieu nos dá a dimensão desse processo:

Se as lutas permanentes entre os detentores de capital específico e aqueles que estão desprovidos dele constituem o motor de uma transformação incessante da oferta de produtos simbólicos, não é menos verdade que apenas podem levar a essas transformações profundas das relações de força simbólicas que são as alterações da hierarquia dos gêneros, das escolas ou dos autores quando podem apoiar-se em mudanças externas de mesmo sentido (1996, p. 147-148).

A escrita literária vive em constante transformação. É um movimento em busca de legitimação que perpassa os seus próprios domínios, pois está sustentado na exterioridade da matéria que move sua existência e seu processo de criação. De uma maneira ou de outra, o ambiente exterior sempre influenciou as grandes criações literárias que, em maior ou menor grau, acompanharam as transformações de seu tempo, impulsionadas pelas mudanças sociais e políticas:

... Ainda há pouco tempo me disse que quisera ter nascido princesa... Eu lhe retruquei: E sabe você o que é ser princesa? Sei, me secundou ela com toda a clareza, é uma moça muito boa, muito bonita, que tem uma coroa de diamantes na cabeça,

muitos lavrados no pescoço e que manda nos homens... Fiquei meio tonto (TAUNAY, 1998, p. 47).

Expressar opinião, exprimir desejos, sempre foi algo do domínio do masculino. A mulher, colocada em segundo plano, camuflava seus desejos. Inocência, porém, buscava formas de manifestar seus desejos para provocar seu pai, no sentido de averiguar o poder que ele detinha sobre ela, até que ponto ele poderia ceder aos desejos da filha tão amada por ele. Por meio dessas brechas, Inocência testa os seus limites e as barreiras a ela impostas e deixa transparecer que não é tão ingênua e inocente quanto parece. Por trás dessa mulher há outra que cautelosamente aguarda o momento de se rebelar. Inocência, embora descrita numa visão do Romantismo, apresenta características que a colocam à frente do seu tempo, conforme podemos observar no trecho que segue: “Do seu rosto irradiava singela expressão de encantadora ingenuidade, realçada pela meiguice do olhar sereno que, a custo, parecia coar por entre os cílios sedosos a franjar-lhe as pálpebras, e compridos a ponto de projetarem sombras nas mimosas faces.” (TAUNAY, 1998, p. 47).

A personagem traz, em sua consciência, uma visão para além desse contexto. Essas divergências também ocorreram entre as personagens masculinas, colocando em xeque o homem do sertão e da cidade, como se pode observar nesse trecho em que Meyer expõe seu ponto de vista com relação à sua visão a respeito das mulheres: “- Aqui, no sertão do Brasil, há o mau costume de esconder as mulheres. Viajante não sabe de todo se são bonitas, se feias, e nada pode contar nos livros para o conhecimento dos que lêem. Mas, palavra de honra, Sr. Pereira, se todas se parecem com esta sua filha, é coisa muito e muito digna de ser vista e escrita! Eu...” (TAUNAY, 1998, p. 76).

Nota-se aqui que há algo verossímil com os ideais do patriarcalismo. Há, por meio da expressão literária, o reconhecimento e a revelação explícitas daquilo que já era amplamente sabido no século XIX, especificamente no Brasil sertanejo, onde a obra se insere. O costume corriqueiro e natural era manter as mulheres fechadas em seus mundos sob o domínio e a vigilância dos homens. No livro em estudo, esses valores são colocados em pauta, efetivamente, no cerne da sociedade que caminhava para novas direções. Isso começava a dar

sinais de mudanças em função do fortalecimento dos movimentos feministas que emergiam insistentemente em busca dessa mudança de posição.

Durante os séculos XIX e XX, os movimentos femininos tiveram ampla representação em que as mulheres reivindicavam melhores condições de trabalho e lutavam por emancipação política, cultural e social. Movimentos sindicais e políticos sucediam. Clara Zetkin, Alexandra Kollontai, Clara Lemlich, Emma Goldman, Simone Weil, entre outras militantes, incitaram as mulheres na busca de uma nova consciência.

O fortalecimento da causa a favor das mulheres se efetivou no II Congresso Internacional de Mulheres, em Copenhague, (1910), com a criação do Dia Internacional da Mulher, e consagrou o direito de manifestações públicas e ratificou a necessidade de se discutir e refletir sobre os direitos da mulher. No Brasil, os movimentos também se multiplicavam e se intensificavam e, no início do século XX, Berta Lutz liderou a reivindicação do direito ao voto.

Em *A dominação masculina*, Bourdieu questiona essa aceitação da condição social da “dominação masculina” que está na ordem das estruturas sociais impostas. Evidentemente, seu pensamento comunga com o histórico social das lutas em prol da reversão do papel da mulher instituído socialmente ao longo da história da humanidade:

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 2002, p. 8).

A dominação masculina por um longo período perpetuou com força e vigor, instalando-se de forma tão violenta que foi capaz de subverter a ordem das coisas, de modo que o anormal ganha conotação de normalidade, ou seja, está dito que deve ser assim e assim será. A questão em torno do feminino/masculino vai além da simples questão de gênero. Foi exatamente essa mudança ideológica que fortaleceu e impulsionou o desdobramento

cultural, político e social acerca da figuração da mulher fora e dentro da literatura.

2.1 A mulher na literatura do século XIX: opressão e autoritarismo

Inocência é uma criação literária de caráter transitório no sentido de oscilar entre romance romântico e naturalista. A personagem Inocência, assim representada no aspecto do feminino, é multifacetada, uma vez que de ingênua e resignada passa a adotar um posicionamento rígido e ideológico para defender seus interesses. “Simbolicamente votadas à resignação e à discrição, as mulheres só podem exercer algum poder voltando-se contra o forte sua própria força, ou aceitando se apagar, ou, pelo menos, negar um poder que elas só podem exercer por procuração (como eminências pardas)” (BOURDIEU, 2002, p. 21).

A personagem Inocência faz uso de suas forças ao se ver dividida entre a família e a paixão. Desafiar as tradições é não aceitar anular-se diante da vida e dos seus desejos, é legitimar aquilo que acredita ser o verdadeiro sentido do existir, é fazer valer o direito de lutar contra as amarras que lhe foram impostas:

A pobrezinha, abrasada também de amor, queria respirar o ar da noite e beber na viração do sertão um pouco de tranqüilidade para sua alma não afeita ao tumultuar dos sentimentos que a agitavam, e, quem sabe? verificar se por aí não andava rondando aquele que no seio lhe inoculava tamanho desassossego, ímpetos tão desconhecidos e violentos, superiores a todas as suas tentativas de resistência (TAUNAY 1998, p. 114).

Há aqui aspectos do Romantismo que refletem um estado de espírito perturbado em oposição aos ideais neoclássicos. Progressivamente, os estados de emoção e a imaginação entram em cena. Inocência parece não se harmonizar com o estado anterior a esse momento. Houve uma alteração que interferiu significativamente no seu modo de ver a vida e as coisas e lidar com suas próprias emoções. “Às vezes, sentia Inocência em si ímpetos de

resistência: era a natureza do pai que acordava, natureza forte, teimosa” (Taunay, 1998, p. 146).

Inocência agora se eleva para resistir ao estado de opressão em que se encontrava. Há um rompimento não previsto, ela surpreende o pai (Pereira) e o noivo (Manecão), que parecem não a conhecer tão bem quanto julgavam. “— Eu?... Casar com o senhor?! Antes uma boa morte!... Não quero... não quero... Nunca... Nunca...” (TAUNAY, 1998, p. 156).

É típico de o Romantismo enxergar a natureza humana em sua complexidade para criar uma atmosfera mais humana. Inocência traz em sua constituição complexa uma aproximação com tipos sociais que circundavam o período em que estava inserida. Lutar contra o machismo de Manecão e o patriarcalismo de Pereira é contrapor-se a valores da época e romper com seu próprio universo sertanejo.

Conscientes do poder da palavra e de sua potencialidade, a palavra tornou-se uma forma de expressão ameaçadora e foi negada aos socialmente marginalizados, instaurando o silêncio às camadas mais ameaçadoras da sociedade. Gayatri Chakravorty Spivak, em *Pode o subalterno falar?*, questiona sobre o sujeito subalterno, cuja voz não pode ser ouvida e diz que:

No contexto do itinerário obliterado do sujeito subalterno, o caminho da diferença sexual é duplamente obliterado. A questão não é a da participação feminina na insurgência ou das regras básicas da divisão sexual do trabalho, pois, em ambos os casos, há “evidência”. É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade (2010, p. 67).

Para sair da condição de subalterna e adquirir a liberdade social foi preciso conquistar a liberdade linguística e literária. Escrita e poder sempre estiveram lado a lado, uma vez que, tendo a palavra, era possível exprimir experiências, desejos, incorporar valores e romper o silêncio porque se tem a possibilidade de ser ouvida. Inocência, reprimida de todas as formas, constituiu-se como sujeito da linguagem saindo da obscuridade.

Quando June Hahner define o feminismo como a condição das mulheres que se posicionaram contra a desigualdade de gênero, preconiza o reconhecimento das mulheres nas lutas e no rompimento com o estado de subordinação para alcançar o *status* tão merecidamente almejado. Inocência foi capaz de mostrar que, mesmo que a luta seja conspirada no silêncio, há o momento de se rebelar. Evolui gradativamente no desenrolar da narrativa e sua manifestação mais efetiva só ocorreu porque lutou com a palavra. Foi por meio do seu discurso que exteriorizou sua revolta e provocou a “revolução” que lhe custou a própria vida.

2.2 Inocência: mulher como objeto de inspiração literária

Vivendo à sombra dos homens que a rodeavam, Inocência é a representação da mulher que é colocada no segundo plano numa esfera de inferioridade. Simone de Beauvoir, ao categorizar o pertencimento ao “segundo sexo”, retratou a condição dessa mulher subalterna, colocada na condição de segunda no universo do masculino.

Inocência foi amplamente estudado pelos principais expoentes da crítica literária: Sílvio Romero, José Veríssimo, Antonio Candido, Alfredo Bosi e Afrânio Coutinho. Coutinho afirma:

[...] é uma história sentimental estruturada segundo os moldes do melhor romance romântico, mas Taunay quis enriquecê-la de valores secundários reais, objetivos, retirados da vida imediata. Nem sempre, porém, foi capaz de utilizar esses valores como romancista, de integrá-los de modo adequado no mundo de Inocência. Daí o seu realismo, cópia fiel de alguns detalhes da realidade, mas ainda longe de ser a visão realista do mundo, que apareceria em romancistas posteriores (2004, p. 458).

Escrito em um período em que o Romantismo estava em declínio, *Inocência* traz divergências entre os críticos com relação a sua classificação como um romance romântico. Contudo, o que sobressai é a qualidade e o valor atribuído à obra. Taunay soube transitar entre os dois mundos ao oferecer uma obra tão abrangente que pende tanto para o Romantismo quanto para o

Naturalismo. São nítidos os traços do Naturalismo, como casamento mediante acordo entre as famílias, casamento como único meio de libertação e preservação da honra. Tudo isso dá à obra um tom de valorização dos costumes e traços deterministas de que o homem é produto do meio.

Lucia Zolin, ao analisar a personagem feminina pela ótica do masculino, enfatiza:

[...] as críticas feministas mostram como é recorrente o fato de as obras literárias canônicas representarem a mulher a partir de repetições de estereótipos culturais, como, por exemplo, o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz, e entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam (2004, p. 160).

A literatura canônica do século XIX coloca a mulher como estereótipo e não é necessário muito esforço para verificar isso nas protagonistas dos grandes romances da literatura brasileira. Em um simples passeio por ela, podemos encontrar Lúcia, do romance *Lucíola*, de José de Alencar; Bertoleza, de *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo; *Iracema*, do romance homônimo de José de Alencar, entre outras. Inocência não parece ser diferente. Essas mulheres são sempre colocadas como provocadoras da discórdia e semeadoras do mal, independentemente de como são pintadas, sejam elas boazinhas, angelicais, sedutoras, ou megeras, são sempre a figuração do estranho. Inocência precisa morrer para que os valores da sociedade patriarcalista se perpetuem e a punição seja aplicada em nome da obediência.

Inocência é um estereótipo da mulher que figurou na literatura brasileira no século XIX. Vivia submissa, isolada e fechada em um mundo dominado por homens. Apesar de lutar contra isso, só se afirma no final da narrativa, culminando com sua derrota caracterizada pela morte. Em seu mundo, era a única representação do feminino, portanto, sua luta foi solitária. Na sua tentativa de revolta, vê-se, mais uma vez, anulada, encurralada. Ao fugir do seu próprio destino, encontra a morte em seu caminho, demonstração óbvia da representação estereotipada corriqueira na literatura canônica.

A escrita literária pela ótica feminina na literatura brasileira contemporânea confirma a luta da mulher para fugir do monstro do preconceito,

da inferiorização e, de certa forma, contribuir para a desconstrução da mulher como imagem do mal e do impuro.

É preciso descaracterizar que o universo representado por essas mulheres, vistas a partir do mundo patriarcalista, já não se aplica mais no mundo de hoje.

3. Considerações finais

A leitura efetivada aqui sob o prisma da representação do feminino, a partir da visão do masculino no livro *Inocência*, gerou muitas inquietações e deu a nítida convicção de que as questões de gênero ainda não supriram suficientemente as lacunas. Transitar pelo complexo universo em que se debate essa temática instiga a enveredar cada vez mais pelo desbravamento deste sertão chamado literatura e desse ser chamado mulher. Durante o percurso, verdades foram reafirmadas e dúvidas foram aguçadas.

O romance *Inocência* se constitui no ponto em que se buscava uma definição peculiar da literatura brasileira, particularizando um momento histórico no nosso país determinado pelos ideais de liberdade, tornando-se assim um ponto de interseção de relações de gênero e poder. Sua protagonista aqui analisada é a criatura que emana das interpretações literárias para representar a resignação e a resistência feminina aos padrões impostos pelos homens em uma sociedade em que ainda era muito complexo romper com os modelos estabelecidos.

Atualmente, há muitas análises e produções que dão voz ao feminino na literatura. Foram essas vozes que garantiram um espaço de reconhecimento da literatura de cunho feminino pela crítica literária. Entretanto, a análise aqui adotada tem como viés provocar uma reflexão de como a mulher era vista e colocada sob o domínio da voz masculina.

É preciso abrir discussões que venham suscitar novas possibilidades de análise e, deste modo, fortalecer a literatura, especialmente para desmistificar as verdades ditas como absolutas. Estudar a temática da representação do feminino, bem como as questões de gênero, se faz necessário para a

contribuição e ampliação das pesquisas sobre os desdobramentos possíveis a respeito dessa temática.

4. Referências

D'ÁVILA NETO, Maria Inácia. *O autoritarismo e a mulher*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2004. (V. 6).

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira: Das Origens ao Romantismo*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

ZOLIN, Lucia Osana. Crítica Feminista. In: BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana (Orgs). *Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas*. Maringá, EDUEM, 2004.